

A HISTÓRIA ORAL NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: TRÊS LEITURAS METODOLÓGICAS

Marcos Gonzaga

Universidade Federal de Ouro Preto

gonzagamarcos45@gmail.com; murilontela@hotmail.com

Regina Magna Bonifácio de Araújo

Universidade Federal de Ouro Preto

regina.araujo@ichs.ufop.br; regina.magna@hotmail.com

Resumo

Esta comunicação integra a pesquisa desenvolvida pelos autores, intitulada *Memórias de Adultos: experiências vividas e escolarização*. Objetivamos apresentar uma síntese das características fundamentais da pesquisa qualitativa, tendo em vista os desafios enfrentados em uma investigação e considerando que sua realização é mais do que a simples utilização de um aporte metodológico associado a um conjunto de técnicas. Reconhecemos que a pesquisa de abordagem qualitativa exibe a complexidade da interação entre o problema de pesquisa, o investigador e os investigados; a escolha das ferramentas conceituais ou metodológicas apropriadas para a análise dos dados; o vínculo entre o trabalho de campo, o processo de investigação e seus métodos. Sem esquecer que o trabalho de campo exige a preocupação com questões presentes no desenrolar da investigação: o acesso e a seleção dos informantes; o manejo de problemas éticos; a reunião, análise e comentário dos dados. Nosso foco recairá sobre a História Oral e seu método qualitativo de coleta de dados, a partir da leitura crítica de três estudos acadêmicos recentes que contemplam a oralidade.

Palavras-chave: Oralidade; História Oral; Pesquisa Qualitativa.

Abstract

This communication integrates the research developed by the authors, entitled *Memories of Adults: lived experiences and schooling*. We aim to present a synthesis of the fundamental characteristics of qualitative research, considering the challenges faced in an investigation and considering that its accomplishment is more than the simple use of a methodological contribution associated to a set of techniques. We recognize that the qualitative approach research shows the complexity of the interaction between the research problem, the investigator and the investigated; the choice of appropriate conceptual or methodological tools for data analysis; the link between fieldwork, the research process and its methods. Not forgetting that the fieldwork requires concern with issues present in the conduct of research: access and selection of informants; the handling of ethical problems; the meeting, analysis and comment of the data. Our focus will be on Oral History and its qualitative method of data collection, from the critical reading of three recent academic studies that contemplate orality.

Keywords: Orality; Oral History; Qualitative Research.

Introdução

Neste trabalho vamos apresentar uma síntese das características fundamentais da pesquisa qualitativa, tendo em vista os desafios enfrentados em uma investigação. Burgess (2001) adverte que a realização de uma pesquisa qualitativa é mais do que a simples utilização de técnicas uniformes. Ela exhibe a complexidade da interação entre o problema de pesquisa, o investigador e os investigados; a escolha das ferramentas conceituais ou metodológicas apropriadas para a análise dos dados; o vínculo entre o trabalho de campo, o processo de investigação e seus métodos. Sem esquecer que o trabalho de campo exige a preocupação com questões presentes no desenrolar da investigação: o acesso e a seleção dos informantes; o manejo de problemas éticos; a reunião, análise e comentário dos dados.

O campo da pesquisa qualitativa abriga diversas abordagens, cada uma delas com determinadas características epistemológicas e peculiaridades no uso de métodos e técnicas. Este trabalho se interessa pela História Oral e por seu método¹ qualitativo de coleta de dados. Posto isso, nosso objetivo principal é a leitura metodológica de três estudos acadêmicos recentes que contemplam a oralidade.

1. A pesquisa qualitativa: localizando o pesquisador no mundo

A pesquisa qualitativa pode ser entendida, de modo geral, como o agrupamento de diversas estratégias investigativas com determinadas características compartilhadas (BOGDAN e BIKLEN, 1994) que podem ser mais bem compreendidas através do desdobramento de certos aspectos fundamentais².

Os dois instrumentos mais importantes na abordagem e compreensão do mundo social na pesquisa qualitativa são a observação participante e a entrevista em profundidade. A observação participante introduz o investigador no mundo das pessoas que pretende estudar a

¹ Utilizamos o termo método a partir da definição fornecida por Wright Mills (1969): “Os métodos são os procedimentos usados pelos homens na tentativa de compreender ou explicar alguma coisa. A metodologia é o estudo dos métodos; proporciona teorias sobre o que os homens estão fazendo quando trabalham em seus estudos” (WRIGHT MILLS, 1969, p. 67).

² Aqui nos parece útil o conselho de Mazzotti (1991), de que a falsa oposição entre qualitativo e quantitativo que o termo pesquisa qualitativa sugere deve já de início ser descartada, pois a questão que se coloca é “de ênfase e não de exclusividade” (ALVES-MAZZOTTI, 1991, p. 54).

fim de torná-lo “visível” (DENZIN e LINCOLN, 2005, p. 4). A confiança no investigador é fundamental para o registro sistemático do que se ouve e observa. A entrevista em profundidade, não-estruturada ou aberta, não diretiva ou entrevista flexível, busca captar maiores detalhes sobre a situação estudada através de depoimentos. Questionários fechados são ausentes, mas pode-se fazer uso de questões pouco estruturadas. O mais típico é que o investigador seja o único recurso que permita aos sujeitos a expressão livre de suas “opiniões sobre determinados assuntos” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 17). O extenso detalhamento dos estudos qualitativos o tendência a amostras pequenas. Chamamos *história de vida* o caso em que o estudo se limita a um único indivíduo com o interesse de interpretar sua trajetória de experiências vividas.

A investigação qualitativa acontece no próprio ambiente de onde o investigador retira os dados a serem estudados e nele permanece longamente buscando esclarecer questões de seu interesse. Em uma intervenção mínima procura manter o caráter natural do contexto observado. O tratamento dado às questões surgidas vai depender dos interesses do investigador.

Com o propósito de descrever e não quantificar, a pesquisa qualitativa se vale de imagens ou palavras a fim de apresentar os resultados da investigação fundamentados no próprio material coletado. Estes podem ser: “transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos ou registros oficiais” (BOGDAN e BIKLEN, 1994 p. 48). Procura-se não mutilar a identidade desse material.

A ênfase no processo mais que nos resultados é outra característica da pesquisa qualitativa. O pesquisador se interessa pela manifestação de um problema investigado no desenrolar dos procedimentos e das “interações cotidianas” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12). O processo de análise de dados é indutivo, não havendo interesse em recolher dados ou provas para confirmar hipóteses prévias. As interpretações são construídas na composição dos dados ao mesmo tempo em que o estudo esboçado vai emergindo no contexto pesquisado. Os assuntos são focados progressivamente, incorporando questões que vão sendo suscitadas pelos sujeitos investigados.

Por fim, a importância dada ao significado é vital nas abordagens qualitativas considerando-se que cada pessoa “vê a sua vida – ou procura vê-la – como uma configuração, com um

sentido” (BOSI, 1993, p. 283). O interesse da investigação qualitativa são os diferentes significados que as ações e acontecimentos têm para os participantes, suas referências e valores levando em conta a intencionalidade de suas ações. O investigador faz uma tentativa de apreender as perspectivas e percepções dos participantes ao mesmo tempo em que busca interpretá-las.

3. Contribuições metodológicas da história oral: uma abordagem qualitativa da oralidade

A história oral procura localizar e compreender experiências vividas através do registro e análise da oralidade. A entrevista é o meio privilegiado para a captação dessas experiências, os depoimentos recolhidos são a fonte principal³. Definido o problema, o objeto de pesquisa e a escolha da história oral como referência metodológica seguem a definição do quadro dos entrevistados e os procedimentos para coleta, transcrição e análise dos dados. Existem modalidades de entrevistas a serem observadas na história oral.

O quadro de entrevistados implica a escolha e a quantidade de pessoas relacionadas à posição no grupo a que este pertence e ao significado de suas experiências. A seleção deve eleger entrevistados que “participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos” (ALBERTI, 2004, p. 31-32).

O número de pessoas a serem entrevistadas deve corresponder ao desenvolvimento da pesquisa de campo estabelecendo a quantidade de entrevistas necessárias e aquelas significativas para a pesquisa. Deve-se buscar a articulação dos depoimentos entre si. Um único depoimento pode ser de extrema importância, entretanto só adquire significado quando puder ser coligido com outras fontes relevantes. Em história oral, conforme Alberti (2004) estas outras fontes são preferencialmente entrevistas. O esperado é que o próprio pesquisador realize as entrevistas, assim como seja ele o interprete.

³ Convém lembrar que “no caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas” (POLLAK. 1992, p. 201).

Alberti (2004) classifica as entrevistas em temáticas ou história de vida. Meihy (1996, 2008) de acordo com o que ele chama de modalidades da história oral: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. Entendemos que esta concepção abarca a anterior e introduz variações que enriquecem ainda mais os tipos de entrevista em história oral.

Para Meihy (2008), a história oral de vida carrega na definição do termo outro gênero de captação de experiências vivenciadas: a história de vida. Mas existe uma diferença fundamental para os oralistas entre os dois. A história oral de vida supõe o contato direto e o diálogo como formas de captação da memória e das situações no contexto de estudo. A história de vida nem sempre se vale do registro de voz através da entrevista, pode pelo contrário deste prescindir e trabalhar com outros documentos convencionais. A entrevista livre ou, no máximo, estímulos fornecidos pelo colaborador são exclusivas na história oral de vida.

Falamos em entrevista livre não significa que haja ausência de argumentos na abordagem aos entrevistados, mas que se deve procurar dar a maior liberdade possível a eles de narrar suas experiências pessoais. Que eles possam “encadear e compor, à sua vontade, os momentos de seu passado” (BOSI, 1993, p. 283). Neste caso, como sugere Meihy (2008), que as questões dirigidas aos sujeitos sejam formuladas de forma ampla e em grandes blocos indicando acontecimentos marcantes na experiência vivida. Devem ser menos pontuais e mais como estímulos à continuidade da narrativa. O foco na experiência vivida perseguido pelas histórias orais de vida não está na busca de uma verdade e sim na versão do narrador que pode mostrar ou esconder situações e pessoas.

Meihy (1996), aponta a narrativa biográfica como uma variação da história oral de vida onde o sentido da subjetividade do narrador ganha outro encaminhamento. Na história oral de vida é dada importância fundamental ao sentido moral da experiência pessoal onde a intervenção do entrevistador é reduzida ao mínimo. Na narrativa biográfica procede-se a uma preocupação com o alinhamento dos fatos, isto é, cuida-se de um “roteiro cronológico e factual das pessoas, além de dar atenção às particularidades que remetem a acontecimentos materiais e concretos julgados importantes” (p. 133), neste caso, a intervenção do entrevistador se torna mais presente e ativa sem prescindir da discrição necessária.

Na história oral de vida, as entrevistas geram textos passíveis de tratamento literário por meio da transcrição – processo de reordenação dos dados da entrevista de modo criativo. A transcrição supõe dois procedimentos importantes: tornar mais clara a exposição do texto narrado e o interesse pela “lógica discursiva, a moral da história, o sentido ontológico da experiência” (MEIHY, 2008, p. 147).

A história oral temática é mais objetiva. Opera recortes em assuntos específicos de acordo com entrevistas organizadas, planejadas e atentas a cumprir um fim. Desse modo, questionários podem ser utilizados de forma direta e indutiva ou indireta e dedutiva. No primeiro caso a entrevista segue o tema em causa. No segundo, mais complexo, as questões procuradas devem seguir uma ordem de importância, inscrevendo os principais tópicos na análise dos colaboradores. O texto produzido em entrevistas temáticas deve ser o mais literal possível e buscar manter o sentido da fala.

Na tradição oral são importantes as visões de mundo e sua transmissão oral por grupos ágrafos, ou sem história escrita. O transcendente miticamente fundamentado é objeto da tradição oral. Esta modalidade exige imersão e observação profundas em comunidades para recolher por meio de entrevistas questões do passado manifestadas na transmissão intergeracional e na relação entre indivíduos. A entrevista só deve ocorrer após convívio com o grupo estudado, o levantamento e a descrição de hábitos grupais visto que o interesse primeiro é a visão que os narradores possuem de seu contexto social.

O caráter coletivo das narrações é fundamental nas entrevistas de tradição oral. Este permite a apreensão dos processos de transmissão oral, pouco variáveis de geração para geração e que possibilitam ao entrevistador identificar as lógicas do grupo. A análise de rituais, calendários, cancionários, cerimônias podem ser questionadas quanto a sua resistência ao tempo, que define a tradição, mas não em suas variações. A oralidade marca a preservação das tradições e mantém sua continuidade. Nas sociedades modernas as tradições orais apresentam-se através de releituras e práticas orais em série (orações, músicas e outros rituais), as quais, embora permanentes, abrem-se a mudanças periféricas. As entrevistas em tradição oral devem ser transcritas literalmente, conservando as características da fala do narrador, a não ser que este exija mudanças.

Para Alberti (2004, p. 29), o tipo temático e o tipo história de vida podem ser trabalhados conjuntamente em uma pesquisa. O primeiro demanda um tempo mais longo, mas nada impede que seja utilizado com alguma pessoa especialmente representativa. O segundo pode ser trabalhado ao seu lado com outros “atores e/ou testemunhas”. Esse procedimento dependerá dos objetivos perseguidos.

4. A História oral na produção acadêmica: três leituras metodológicas

4.1 História e memória da “Luta do Povo de Alagamar”: experiência de vida e construção de práticas educativas em diálogo com a Educação Popular

O objeto de estudo da dissertação de Gildivan Francisco das Neves (2014) se localiza nas práticas educativas da “Luta do Povo de Alagamar”. Propõe-se a enfrentar a problemática da constituição dessas práticas em seu diálogo com a educação popular. No período de 1975-1980 a comunidade rural de Alagamar situada entre os municípios de Salgado de São Félix e Itabaiana, no agreste da Paraíba, vivenciou um movimento social denominado “A luta do povo de Alagamar”. Teve como protagonistas os trabalhadores rurais que reivindicavam o direito de permanência na terra de nascimento e trabalho. De acordo com o autor, este evento não pode ser isolado da política de reforma agrária no Brasil nas décadas de 40, 50 e 60. Neste período vários movimentos sociais eclodiram diante da “expulsão dos trabalhadores rurais de suas terras e do solapamento de seus ritmos de vida em função da passagem do capitalismo” (NEVES, 2014, p. 75). O autor conjectura que os movimentos sociais possuem, além de um caráter político, um aspecto educativo.

O estudo articula a história da “Luta do Povo de Alagamar” a partir dos depoimentos de dois protagonistas: Maria José Barbosa, 52 anos e José André Filho, 67 anos. Para a seleção dos entrevistados o autor privilegiou o fato de ambos serem trabalhadores rurais, terem participado do movimento coletivo e residirem em Alagamar durante o evento ou em momentos anteriores. Em contraponto à narrativa oral coletada, foram reunidos outros documentos (cordéis, jornais impressos, informativo arquiocesano, Carta Pastoral) e fotografias. Alguns cedidos pelos próprios entrevistados. A partir desse material descrevem-se os processos que envolveram a comunidade. Os relatos coletados foram considerados como

episódios vividos dentro da trama da “Luta do Povo de Alagamar”, estes “dotados de significado e sentido na percepção de cada depoente” (NEVES, 2014, p. 56).

Sua escolha metodológica reuniu procedimentos da história oral na recolha de depoimentos e do referencial da história social no trabalho com outros documentos. Quanto à história oral sua opção foi trabalhar com entrevistas temáticas. As entrevistas semiestruturadas permitiram o recorte de assuntos específicos no universo de situações do movimento da luta em Alagamar. As entrevistas ocorreram com os dois depoentes no ano de 2013 e 2014 valendo-se de um roteiro com cabeçalho de nome, idade, sexo, escolaridade e profissão, seguido de 14 questões, diretas e indutivas, orientadoras do diálogo. Esta opção de roteiro, típica da entrevista temática, confirma uma intervenção maior do investigador junto ao entrevistado na captação dos assuntos relativos ao seu estudo.

4.2 *Mulheres camponesas e culturas do escrito: trajetórias de lideranças comunitárias construídas nas CEBS*

Sônia Maria Alves de Reis (2014) procurou em sua tese de doutorado analisar as condições de formação nas quais mulheres camponesas e líderes das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), pouco ou não escolarizadas, construíram sua participação nas culturas escritas. Para esta autora as colaboradoras da pesquisa evidenciaram a importância que o oral, o escrito, o memorizado e o compreendido têm no contexto onde a oralidade e a escrita são necessárias.

As principais técnicas de abordagem foram a observação, o diário de campo e a entrevista de história oral. A observação e o diário de campo permitiram à autora identificar e registrar os locais de atuação das pesquisadas (celebrações religiosas, encontros de formação de lideranças). Estes procedimentos foram, ao longo da pesquisa, fundamentais para se desenvolver um conhecimento da realidade social das futuras entrevistadas. As questões suscitadas pelo acompanhamento contribuíram para o delineamento da seleção das entrevistadas, o qual ocorreu em vários momentos.

Para a coleta de dados procedeu-se inicialmente à busca da permissão para entrada nas comunidades e posterior visitação, consulta documental, realização de entrevistas e observações. Todo esse processo ocorreu no espaço de 12 meses. A partir de entrevistas semiestruturadas com 25 mulheres, foram selecionadas as seis entrevistadas da pesquisa. A

opção por um número reduzido justificou-se pelo fato de se trabalhar com a história de vida com recorte temático, que demanda entrevistas mais longas e ainda pela distâncias entre as residências das entrevistadas. Os critérios para a seleção foram: mulheres acima dos 30 anos; mulheres negras, por ser uma característica relevante do grupo; por experiência pessoal e comunitária (líderes das CEBs cujas experiências se misturavam à constituição da comunidade); escolarização (mulheres sem nenhuma ou com pouca escolarização e participantes de campanhas ou na Educação de Jovens e Adultos) e história de vida marcada pelo difícil acesso a materiais escritos na infância; participação na cultura escrita (mulheres militantes das CEBs com práticas diversificadas de leitura e escrita).

As entrevistas com as seis mulheres na faixa etária entre 40 e 64 anos foram previamente planejadas e realizadas em locais escolhidas pelas próprias entrevistadas. O procedimento de transcrição literal das entrevistas gravadas ocorreu em constante negociação e validação pelas entrevistadas para posterior análise. Este processo moroso culminou com a *transcrição* do discurso oral no texto escrito. Isto é, procedeu-se à “eliminação das repetições e de vícios de linguagem; porém mantendo determinados traços presentes na linguagem oral das entrevistadas para melhor identifica-las” (NEVES, 2014, p. 72-73). Esta etapa também contou com a participação das entrevistadas no processo de construção do texto, e foi por elas validada.

O passado quilombola da região onde se localizam as comunidades da pesquisa definiu critérios para a escolha das entrevistadas e realização das entrevistas. A autora considera a importância dada a este passado nas comunidades um fato recente e observa a ausência de movimentos em que a população negra de Candiba possa descobrir sua importância na construção da sociedade local. Somados a este fato presente nos depoimentos das entrevistadas, vários documentos agenciados na pesquisa, se constituem como mediadores entre o oral e o escrito, o memorizado e o compreendido, com os quais as mulheres aprendem a falar publicamente em sua comunidade.

4.3 *Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia*

Fabíola Holanda Barbosa (2006) focaliza em sua investigação o universo da experiência de vida de um nordestino, morador da Comunidade Santa Marcelina, antigo hospital colônia para

ex-hansenianos que perderam seus parentes ou foram abandonados na ocasião do internamento. A instituição mantém um hospital, uma escola, um refeitório com cantina e uma capela. Neste local, em 1998, a autora conheceu seu colaborador, Adálio Pereira de Oliveira então com a idade de 75 anos. E realizou seu primeiro conjunto de entrevistas. Em 2000, Fabíola Barbosa realizará o segundo bloco de entrevistas com Adálio, desta vez em um quarto alugado, em Candeias do Jamari.

Segundo a autora, a história de Adálio ganha sentido e evidencia situações comuns com os grupos que ele se identifica: nordestinos na Amazônia, soldados da borracha, hansenianos. Deste modo, aponta aspectos importantes para a compreensão da sociedade brasileira no que diz respeito ao migrante nordestino.

Para Barbosa (2006), a história oral está presente em todas as etapas do estudo. O processo de entrevista foi concebido em dois momentos distantes no tempo, mas complementares. O primeiro, em 1998, recolheu a narrativa primordial da qual decorreram os aprofundamentos temáticos: os sonhos e a trajetória escolar do narrador. O segundo, em 2000, as narrativas cantadas, que englobam a experiência de Adálio com a música e a poesia e recolheu narrativas de textos musical e poético criados por Adálio. Também, neste segundo momento está presente a narrativa sobre a doença do narrador.

Neste trabalho a textualização da entrevista usou procedimentos embasados na *transcrição*. Esta, concernente à fase final do trabalho com os discursos, é a recriação da atmosfera da entrevista e quer dar “ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato”. Evidentemente não através de um processo mimético das palavras ditas, mas na busca de uma ficcionalização não constrangida e que encontra sugestões na própria narrativa. “Neste procedimento uma atitude se torna vital: a legitimação das entrevistas por parte dos depoentes” (MEIHY, 1991, apud CALDAS, 1999, p. 3).

Considerações finais

Nestes três trabalhos procurou-se estar de acordo com as principais caracterizações de uma investigação qualitativa e em particular com as estratégias da história oral. Assim, há uma longa imersão nos terrenos pesquisados: a comunidade de Alagamar no agreste da Paraíba; as Comunidades Eclesiais de Base em Candiba-BA, antigo território quilombola; a Comunidade de Santa Marcelina em Candeias do Jamari - RO. A abordagem aos sujeitos foi realizada

através de entrevistas em profundidade compreendida no espaço de meses. As entrevistas, geradas a partir de critérios mais flexíveis, se caracterizaram como semiestruturadas (NEVES, 2014; REIS, 2014) e não estruturadas (BARBOSA, 2006) com o intuito de abordar os indivíduos entrevistados com maior liberdade e proporcionar-lhes a liberdade do narrar. Embora persigam a oralidade como fundamental em seus estudos os três autores apresentam outras fontes em seus trabalhos. Gildivan Neves, mais do que as duas autoras, enfatiza o uso de outros documentos devido à perspectiva teórica e metodológica da história social que assume.

Na busca pelo conhecimento da experiência vivida dos indivíduos selecionados, observação, registro de campo e entrevista definiram ações, envolvimento, práticas e concepções dos investigados nas comunidades de referência. Resistência, militância, práticas educativas, criação poética, concepções religiosas, de gênero e de raça são alguns dos elementos apresentados nesses trabalhos a partir dos depoimentos coletados. A interpretação destes dados ocorreu, apesar do planejamento prévio, ao longo da construção das investigações, em alguns mais do que outros. De modo geral, buscou-se interpretar a experiência dos investigados, a significação particular por eles apreendida nas vivências cotidianas em seu passado e presente.

Três modalidades da história oral apresentam-se contempladas nas pesquisas: temática, história de vida e tradição oral, recortadas de acordo com os objetivos das investigações. As vezes em uma única pesquisa os gêneros de entrevista se mesclam, história oral temática e história de vida em Sônia Reis (2014) por exemplo. Estes pormenores sempre relacionados à seleção e abordagem aos investigados.

Há em todos os estudos um número reduzido de entrevistados, fato que no âmbito da pesquisa qualitativa e, em particular da história oral, não constitui um problema; posto que decorre da opção pela qualidade significativa dos depoimentos coletados, que foram capazes de fornecer informações sobre a história dos indivíduos bem como dos contextos próximos e mais amplos de sua história individual e coletiva.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALVES-MAZZOTTI, J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 77, 1991, p. 53-61.
- BARBOSA, F. H. *Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia*, 2006. 182f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN S. k. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOSI, E. A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*, São Paulo, 4(1/2), p. 277-284, 1993.
- BURGUESS, R. G. *A pesquisa de terreno*. Portugal: Celta Editora, 2001, p. 6.
- CALDAS, A. L. Transcrição em História Oral. *Caderno de Criação*, ano VI, nº 19, agosto – Porto Velho, 1999.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In. N. K. DENZIN; Y. S. LINCOLN (Eds). *The sage handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, Califórnia: Sage, 2005.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986
- NEVES, G. F. das. *História e memória da “Luta do Povo de Alagamar” : experiência de vida e construção de práticas educativas em diálogo com a Educação Popular*, 2014. 198f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba – CE, João Pessoa, 2014.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. Loyola, São Paulo, 1996.
- MEIHY, J. C. S. B. Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em história oral. *Oralidades*, v. 3, 2008, p. 141-150.
- MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- POLLAK, M. Memória e identidade e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.
- REIS, S. M. A. de. *Mulheres camponesas e culturas do escrito: trajetórias de lideranças comunitárias construídas nas CEBS*, 2014. 261 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.